

O trabalho literário de Nicanor Coelho



Luís Carlos Luciano



O TRABALHO LITERÁRIO DE NICANOR COELHO

Luís Carlos Luciano*

1. Esboço de um retrato do poeta

Nicanor Souza Coelho, filho de Manoel Coelho e Josefa Souza Coelho, nasceu em 2 de outubro de 1968 em Fátima do Sul, cidade do interior de Mato Grosso do Sul, distante cerca de 250 km da capital, Campo Grande. O gosto pela poesia começou a ser despertado aos sete anos de idade, quando entrou para a Escola Rainha dos Apóstolos Vila Vicentina, comandada por padres palotinos, no distrito de Vicentina, município de Fátima do Sul, onde estudou até o terceiro ano primário.

O ambiente propício para as artes, a literatura, a filosofia e as reflexões influenciou seu futuro literário. Das infantis e ingênuas declamações em datas comemorativas durante o período escolar, foi rascunhar seus primeiros escritos somente aos 19 anos. A família mudara-se para Dourados quando Nicanor contava 8 anos, onde ele reside até hoje, cidade palco de sua atividade literária, distante 25 quilômetros de Fátima do Sul. A sua infância coincidiu com a popularização da televisão brasileira, período em que a família Coelho se reunia na sala para assistir à programação, principalmente ao Jornal Nacional e à novela das oito.

O sr. Manoel tinha o costume de desligar a tevê depois da novela, quando todos se sentavam na varanda e ele contava histórias, cena que se repetiu até os 15 ou 16 anos de Nicanor Coelho. Mas o filho somente foi encontrar semelhanças naquelas histórias quando, mais tarde, conheceu a literatura de cordel e os clássicos literários. Apesar de o pai gostar de ler, nunca chegou a ter contato com as obras clássicas. Ele certamente ouviu as histórias de outras pessoas.

* Especialista em Letras (área de concentração: Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa) – *Campus* de Dourados/UFMS, sob a orientação da Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos. Licenciado em Letras pelo Centro Universitário da Grande Dourados/UNIGRAN e jornalista na imprensa douradense.

Aqueles momentos em família foram estimulantes para o jovem aspirante às artes literárias. Nicanor Coelho terminou o Ensino Fundamental na Escola Luterana Concórdia.

Freqüentou o Ensino Médio na Escola Alvorada e o Superior no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran), concluindo em 2001 o Curso de Letras (Licenciatura Português/Literatura).

Antes da iniciação jornalística, foi *office-boy* e auxiliar de escritório no período de 1982 a 1984 na Construtora Rigotti Ltda; exerceu funções administrativas no Condomínio Edifício Adelina Rigotti entre 1985 e 1986 e na Cargill Agrícola S.A. em 1987.

Em 1988 montou uma barraca com literatura de cordel no centro de Dourados, chegando a reunir mais de 300 exemplares. Em novembro de 1991 criou o primeiro sebo de Dourados, cuja proposta inicial era chamar-se “Sebo Porão”, a ser instalado no porão do Edifício Adelina Rigotti. Mas desistiu desse local depois de saber que o ambiente tinha problemas de infiltração e vivia alagado.

Acabou comprando uma banca de metal, instalando-a no Terminal Rodoviário Renato Lemes Soares, que recebeu o nome de *Banca do Escritor*. A idéia de Coelho era reunir os escritores douradenses para um bate-papo diário e comercializar livros novos e usados. O acervo, no começo, era de aproximadamente mil exemplares, mas depois de cinco meses, ele se convenceu da inviabilidade econômica do negócio, porque as pessoas não queriam comprar livros, mas apenas emprestá-los. “Foi a minha desgraça. Todo o investimento descendo pelo ralo. Cerca de US\$ 4 mil na época”, disse ele em recente entrevista.¹

Acabou tendo que comercializar, para sobreviver, revistas de apelo sexual, dando nova vida ao sebo, desfigurando, porém, a proposta original. Mas nesse período Coelho não permanecia mais em tempo integral na barraca. Contratou o ajudante Edirceu de Oliveira, que acabou pedindo demissão algum tempo depois ao arranjar um emprego melhor no Jornal *O Progresso*. A banca ficou abandonada e só foi vendida três anos depois, em parcelas, a um evangélico que a transportou para a Rua Dr. Camilo Hermelindo da Silva, em frente à Igreja do Relógio, como é conhecida a Igreja Presbiteriana de Dourados. Os livros do sebo, em uma quantidade aproximada de dez mil volumes, depois da fase frustrante, foram doados para a Academia Douradense de Letras (ADL), que Nicanor ajudou a fundar e foi seu primeiro presidente, em novembro de 1991. “A academia foi a vingança contra o sebo falido. Para lá foram os alfarrábios. Muitos eram livros bons. Outros porcarias de dar dó” (COELHO, 2002).

Coelho foi redator do extinto Jornal *O Panorama* em 1987, e em 1988 trabalhou no Jornal *Lavoura e Comércio*, este em Rio Brillhante, cidade distante 60 km de Dourados. No

¹ COELHO, Nicanor Souza. Entrevista concedida a Luis Carlos Luciano. Dourados, 10 abr. 2002. Os demais trechos de falas do escritor Nicanor Coelho têm como fonte a mesma entrevista.

período de 1989 a 1990, atuou como produtor na TV Ponta Porã, hoje TV Sulamérica. Sua carreira jornalística continua até hoje, sendo marcada por várias mudanças de emprego. Entre 1991 e 1992, trabalhou no extinto *Diário da Serra* como repórter; entre 1993 a 1994, na *Gazeta Popular* (onde faz *free-lance* até hoje); entre 1995 a 1998, na TV Dourados, como redator, e em 1995, depois de um tempo como repórter, foi promovido a editor do Caderno Municípios no Jornal *O Progresso*, também de Dourados.

É jornalista profissional de acordo com o Decreto-Lei 972/69, regulamentado pelo Artigo 8º do Decreto 83.284, de 13 de março de 1979, registrado na Delegacia Regional do Trabalho e Emprego de Mato Grosso do Sul sob o número DRT/MS 104/01/52V. Mas nunca teve, até agora, oportunidade de frequentar um curso superior de Jornalismo.

Em 1990 iniciou o Curso de Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Dourados, sem concluí-lo. Em 1991 publicou seu primeiro livro de poemas, *Nomes*, nascido das próprias elucubrações sobre a origem do nome Nicanor e dos nomes que as pessoas recebem quando nascem. O conhecimento adquirido durante o tempo em que permaneceu na universidade, levou-o a repensar a obra *Nomes* que passou por transformações semânticas e estéticas antes de ser efetivamente editada.

No ano de 1992, lançou dois livros, *Vida Cachoeirinha* e *Panambi Verá – Tempos Brilhantes*, este narrando a história de um garoto que se apaixona por uma borboleta brilhante, em poemas de reflexão sobre o indivíduo e sua natureza. *Vida Cachoeirinha* nasceu das reportagens feitas pelo autor na Vila Cachoeirinha, um bairro pobre de Dourados surgido como parte do primeiro projeto eleitoreiro de loteamento social de Dourados onde, paradoxalmente e sem planejamento, a Prefeitura doou lotes em uma área formada em boa parte por pedra e terreno alagadiço, um fundo de vale que deveria ter sido preservado em benefício do meio ambiente.

Em 1995 Coelho lançou *A Noite do Camaleão*, criando paradoxos entre o cotidiano e imaginação, e em 1996 nasceu *Os Mistérios do Ladrão de Biblioteca*, um livro escrito dentro de uma biblioteca, refletindo o ambiente de obras, segredos e descobertas propiciadas por um clima livresco.

Em 20 de agosto de 1997, Coelho lançou a *Revista Arandu*, destinada a publicar artigos científicos, resenhas, poemas, ensaios, enfim, um espaço livre para a produção intelectual e acadêmica dos douradenses, uma produção do Grupo Literário Arandu, editada com parcos patrocínios, às vezes com colaborações dos autores que desejam publicar seus trabalhos e sem apoio oficial, por opção de não envolver o projeto com interesses político-partidários, segundo o próprio Nicanor Coelho.

Apesar de ter sido mostrada ao público somente em 1997, a idéia já fora discutida e amadurecida desde 1989, durante um bate-papo entre Nicanor Coelho e o poeta e historiador Carlos Magno Mieres Amarilha. Coelho chegou a vender uma televisão e um vídeo-cassete para custear as despesas com a edição do primeiro número. A mais recente edição é a de número 20, de maio, junho e julho de 2002.

Em 2002, Coelho está empenhado no lançamento de seu sexto livro, *Reflexões em torno do cão*, ainda no prelo, retomando aspectos dos primeiros escritos. “Ser explorado ou não temas locais, eis a questão!!! Acredito que os poetas devem continuar escrevendo, trabalhando a língua e a linguagem e, se possível, colocando pimenta dos nossos índios, da nossa fauna e flora, do Pantanal, da erva-mate, da Colônia Agrícola, entre outros” (COELHO, 2002).

Nicanor Coelho é uma pessoa irreverente em seu convívio social, comportamento que lhe traz alguns aborrecimentos e indiferenças, além da incompreensão de muitos. Apesar do estilo intrépido, desfruta de respeito entre seus amigos e conhecidos. Muitas das pessoas que o conhecem não imaginam a extensão do seu trabalho literário, justamente pelo fato de que a poesia e a literatura despertam em geral o gosto e a admiração de grupos seletos e não da massa popular, além da alma do artista ser algo definitivamente inexplicável aos olhares desprovidos de formação e de sensibilidade específicas.

Apaixonado por bicicletas, música clássica e por andar descalço, arredio em relação à bebida alcoólica e a cigarros, Coelho vive um estado de constante lucidez. Uma de suas características é sempre ter uma resposta pronta na ponta da língua a qualquer pergunta, mesmo que seja para dissimular sua atitude diante do interlocutor. No ambiente jornalístico, algumas de suas conclusões transformaram-se em piadas e risos debochados dada à incredulidade que elas suscitaram, como a de que o folclórico “chupa-cabras”, figura enigmática que ocupou espaço na mídia durante algum tempo, seria uma criatura que vinha das profundezas dos rios e das cavernas subterrâneas.

Além de suas obras, um trabalho que continua sendo marcante é a publicação da *Revista Arandu*, não só pela natureza dessa edição, mas também pelo esforço e abnegação pela causa, relevando artistas, professores e acadêmicos que geralmente não conseguem o mesmo espaço na mídia convencional.

Ainda jovem – atualmente Coelho tem 34 anos – é um escritor que promete surpreender o meio acadêmico com suas idéias e iniciativas pouco comuns para uma cidade tradicionalista e conservadora como Dourados, onde a safra de artistas não floresce com tanta

frequência. Além da atividade literária, após ter concluído o Curso de Letras no Centro Universitário da Grande Dourados/UNIGRAN, Coelho pensa em ministrar aulas de literatura.

Nicanor Coelho entende que suas obras nascem das contradições da vida e dos momentos vividos; seus cinco livros foram materializados com dificuldades financeiras, pagando do seu próprio bolso para editá-los. Justifica que suas obras são pouco lidas porque ele não faz parte da indústria cultural. Para editar *Nomes*, foi obrigado a vender uma geladeira. Os seus cinco “filhos” tiveram tiragem de mil exemplares e foram doados para amigos e para bibliotecas, conseguindo vender poucos números, talvez porque os compradores quiseram se livrar de um autor que se transformou, momentaneamente, em um vendedor chato.

Acredita que a produção poética em Dourados é nabalesca e que há muita gente escrevendo e publicando, principalmente depois da fundação da Academia Douradense de Letras (ADL), apesar da falta de leitores.

Está faltando a junção dos artistas em torno de um inimigo comum. Falta projeto político. Acredito que dentro de pouco tempo novos movimentos literários e de outros artistas e intelectuais vão surgir. Ambiente para isso está surgindo (...) Isso vai acontecer, será uma válvula de escape para as nossas desgraças de cada dia (COELHO, 2002).

O futuro, para ele, não existe, é um tempo irreal. Pensa em fazer um curso de Mestrado em Desenvolvimento Local e concorrer a uma vaga na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, já tendo inclusive enviado sua inscrição. Pretende lançar, até meados de 2002, uma pesquisa defendendo a implantação da disciplina Literatura Sul-Mato-Grossense nos cursos de Letras das instituições de ensino superior de Mato Grosso do Sul.

Seus autores preferidos são Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Cecília Meireles, J. G. de Araújo Jorge e Ferreira Gullar. Gosta também de Florbela Espanca, Fernando Pessoa, Pablo Neruda, Lobivar Matos, todos eles em virtude da influência sofrida por Coelho durante a militância no Partido Comunista Brasileiro, dos 13 aos 22 anos.

Acredito que os meus escritos amadureceram-se na medida em que o mundo mudou, globalizou-se e as dores continuam as mesmas e cada vez mais perenes, apesar de alguns acharem que são transitórias (...) dentre as três noções de tempo que existem para mim, neste momento a que mais cabe é aquela que separa a linha do meu nascimento que já sei quando aconteceu e a minha morte que pode ocorrer daqui a dois minutos (COELHO, 2002).

2. As obras de Nicanor Coelho: pequena antologia

Tecer uma crítica ao livro *Nomes*, de Nicanor Coelho, talvez seja como soltar uma pipa, aquele artefato feito de papel de seda e varetas que diverte as crianças de várias gerações nos meses de ventos mais intensos. A sensação de leveza e de liberdade descontrolada que há na obra nos contagia. Talvez seja isto mesmo: o primeiro livro de Coelho, escrito aos 22 anos, ainda quando o poeta era um simples aprendiz, foi como soltar a primeira pandorga e deixá-la ao léu. A diferença, evidentemente, está nos relevos, nos conteúdos e na magia do poeta. Mesmo na condição de aprendiz, o texto apresenta uma eloquência agradável.

A obra é simples, prazerosa e o próprio autor facilita o entendimento em sua última poesia da série, denominada “Final”:

Assim escrevi amiúde
e as palavras solfejaram indistintamente
as tristezas contidas no
fundo d’alma (COELHO, 1991, p 65).

Nomes é uma incessante busca pelo significado dos nomes e uma oportunidade para homenagear os camaradas do velho PCB e da União Douradense de Estudantes (UDE); é o verbo em experimentação. O lado enigmático reforça-se com as ilustrações de Marcelo Lima do Nascimento, artista-plástico douradense.

No plano literário, há evidentemente o pulsar da alma incompreendida e discordante em relação ao sistema social e político – aliás, esta é uma marca presente em pelo menos duas de suas obras, *Nomes* e *Vida Cachoeirinha*, contendo traços da antropofagia dos Andrades, do Concretismo e do Surrealismo.

Em dados momentos, nota-se a superficialidade de certos conceitos, talvez postos ali propositadamente ou por falta, no momento da produção, de uma composição mais consistente e elaborada, mas nada que comprometa em demasia a qualidade da obra. Ademais, é preciso considerar que o poeta constrói, muitas vezes, imagens lógicas por intermédio exatamente de uma arquitetura não lógica.

Nicanor Coelho desenvolve uma arte básica, essencial e cotidiana. Fatos do cotidiano são transformados em poemas, como o caso do colega que gostava dos seus discos e que o autor acabou por doá-los a esse colega, recebendo, em contrapartida, uma pilha de livros ; este é o caso do poema intitulado “Troca”.

Há um poema em *Nomes*, cujo título é Dourados, no qual Coelho conclui:

Os tiranos sobem

a plebe desce, padece, é prece
 A pressa, a prece e a cidade cresce
 Os tiranos sobem
 A plebe cresce (COLEHO, 1991, p. 48).

Há, portanto, um misto interessante de preocupação social, política, cotidiana e de beleza. *Nomes* é um trabalho que, apesar de ter sido parido em tenra idade, serve de exemplo para as letras douradenses e reflete um autor, ainda que em início de carreira, com uma boa bagagem literária. A professora Iracema TIBÚRCIO, ao prefaciá-la, observou: “*Nomes* é o livro do mercador de sonhos e ardoroso vendedor de palavras (...) Admiro Nicanor pela dinâmica, versatilidade em manejar as palavras, driblar o ócio, vender os sonhos através de suas poesias alvas (...)” (1991, p. 5-6).

Vida Cachoeirinha, escrito com diferença de poucos meses em relação a *Nomes*, é mais denso e possui um ritmo mais intenso. Coelho revela que destrinchou o trabalho em impressionantes três horas e que foi patrocinado, paradoxalmente, pelo então prefeito de Dourados, Braz Melo. A obra em questão foi inspirada na realidade de um bairro douradense cujo surgimento foi marcado por erros e por situações paradoxais, uma aventura política na qual foram embarcadas pelo menos mil famílias em estado de pobreza.

O bairro Cachoeirinha ainda hoje é um local discriminado e marcado por uma forte violência urbana. Coelho, em meio a esse ambiente, procurou sintetizar a realidade em frases curtas e raciocínios rápidos, como se fosse uma chuva passageira, mas que empoça e torna os caminhos lamacentos.

Vida Cachoeirinha é um protesto veemente contra a exploração humana, expressando ao mesmo tempo o sofrimento da gente que ali construiu suas humildes habitações e a esperança que não se esvai. O geógrafo Milton Lima da FONSECA, em seu prefácio, comenta:

No meio de tanta miséria, parece que todos querem a qualquer custo um lugar no coração da Cachoeirinha e os discursos inflamam esta verdade. Os ‘grandes’ homens passam a ser deuses vivos que podem ser encontrados em qualquer motel ou prostíbulo da redondeza, até mesmo perto da querida Cachoeirinha (1991, p. 12).

Em *Vida Cachoeirinha*, o autor mostra-se mais amadurecido e competente na exposição das idéias e mesmo das divagações. O ambiente familiar é um elemento marcante em toda a obra, passando a imagem das dificuldades vivenciadas pelos pais que trabalham fora, pelas mães que lavam roupas na cachoeirinha e pelos filhos que ficam soltos pelas ruas, passando fome e com a barriga cheia de vermes.

A obra segue assim dividida: A Cachoeira e a Construção, fragmentada em estações; A Criança e a Alegria, em forma de canções; A Água e a Roupa Suja, em viagens, e, finalmente, Contemplar e Sonhar, vãos que são, na realidade, sonhos. As ilustrações do volume são de José Argemiro de Oliveira, o Miro, artista-plástico e escultor formado em Dourados e que reside atualmente na Espanha. A idéia de dividir a obra em estações lembra a do poema épico; além disso, há traços da influência naturalista de Aluizio Azevedo, quando se retrata a vida da forma como ela é nos meios mais miseráveis: crua, suja, mas sempre esperançosa.

ESTAÇÃO QUARTA

Todos os garotos vivem da cachoeira
 E não conseguem se desfazer da negritude
 Da sua pele e nariz achatado
 Da barriga empinada e do
 Dente estragado.
 Eles traçam o seu destino e aprendem
 Como os pais que a vida começa depois
 Que um homem assume sua condição
 De objeto para todos os possíveis
 E imagináveis meios de
 Servir alguém e sumir
 Do porvir para a ponta
 Desabitada da rua da esquerda (COELHO, 1991, p. 24).

Depois das estações, que podem ser vistas como as etapas de uma construção, as canções talvez sirvam como um lenitivo para o espírito. As viagens, por sua vez, incorporam as águas que rolam da cachoeirinha, e os vãos são autênticas contemplações sobre o ambiente, sobre o momento, sobre o fato de que, apesar dos pesares, ainda é melhor ter uma pequena casa para morar do que o nada a nos circundar. O aspecto lúdico pode ser bem observado no 13º vão:

Inexiste vão em
 Qualquer
 Hora do dia.
 Por isso
 Todas as crianças
 Do Cachoeirinha
 Querem mesmo
 É descansar
 Debaixo d'uma
 Árvore
 E esperar
 Outro momento para voar
 Para as águas (COELHO, 1991, p. 89).

A produção seguinte de Nicanor Coelho foi *Panambi Vera – Tempos Brilhantes* (1992), obra escrita em ritmo de prosa poética. O autor foi bastante feliz na escolha do tema e dos elementos poéticos explorados isoladamente, demonstrando sua competência textual e mais fôlego literário. No entanto, faltam algumas coisas. Talvez uma magia maior, como Coelho encenara nas duas primeiras obras, aquele apelo pelo qual o leitor médio sente-se atraído. Faltou também uma revisão lingüística mais bem cuidada. Coelho não conseguiu amarrar adequadamente os eixos propostos por ele na abertura do volume: o menino, a borboleta, o sonho e o rio.

Em certos momentos, Coelho passa a impressão ao leitor de que o personagem é ele mesmo sentindo os reflexos das duas primeiras obras, sua repercussão, e tentando justificar as eventuais críticas recebidas – a diferença de tempo entre as três publicações é pequena, afinal, a terceira obra veio a público aproximadamente um ano depois de *Vida Cachoeirinha*.

Em *Panambi Vera*, a narrativa mostra-se mais distante do leitor, menos sentimental, e apesar de falar sobre as angústias da vida, não consegue fazer chegar essas angústias ao leitor, deixando-as como uma borboleta ainda dentro do casulo...A escrita parece mais filosófica, permeada pelo poético, o que intercala grandes vôos a perigosos rasantes no rés-do-chão. Talvez diante da necessidade de trazer à luz um novo livro, a pressão do leitor tenha atrapalhado seu trabalho poético.

Porém, essas considerações não devem afastar os possíveis leitores; *Panambi Vera* é leitura recomendada, e para quem conhece o trabalho de Nicanor Coelho, vale a pena compará-lo aos textos anteriores. Esse terceiro livro lembra o estilo de Carlos Drummond de Andrade (aliás, Coelho reproduz um poema dele como epígrafe ao volume) e as aparentes indecisões e as inseguranças de poetas modernos.

Contudo, é Coelho em processo de crescimento. Este crítico-leitor sempre torceu para que a borboleta saia do casulo, que o rio recupere suas matas ciliares e sua cor cristalina e que a criança, mesmo crescida, nunca deixe de ser uma criança. O livro contém prefácios das professoras Iraci Esteves Rodrigues, Sélida B. Stelae e do advogado Juracy Santana, todos mostrando simpatia e surpresa pelo trabalho de Coelho.

Em *A Noite do Camaleão*, o autor surpreende novamente na prosa poética linear, encadeada em um fôlego só. A reflexão é muito mais elevada, e o camaleão rasteja pelos meandros da noite com desfaçatez, mas com propriedade. São pertinentes as comparações feitas entre a noite e o dia, bem como a narrativa do autor ao descrevê-las. O camaleão mostra-se boêmio e noturno, mas não vulgar, deslizando entre luzes opacas e dias repudiáveis

e causticantes. A divisão dos capítulos em algarismos romanos causa a impressão de uma longa jornada noite adentro ou então de uma noite mal dormida.

A mudança de cores do camaleão, artifício utilizado para se proteger dos perigos, parece ter proporcionado ao próprio Coelho um ambiente de segurança e a veia poética tornou-se mais pulsante, deixando um tanto de lado o estado de latência da borboleta:

Muitas perguntas são
feitas para a psicóloga
noite que não diz nada.
Entrega as dúvidas para
A claridade de seu amigo dia,
Que segue sua rotação
E sombreia a terra que
Gira incessantemente sem
Pressa. A lugar nenhum (COELHO, 1995, p. 45).

A Noite do Camaleão reflete não apenas o gosto pela noite, por seus mistérios e por suas fascinações, mas também pelo cotidiano circular das pessoas que nascem, crescem e morrem sob a sombra do dia e a escuridão da noite. O autor insere a figura feminina nas cenas e os encantos e as relações entre a noite e o sexo.

A então reitora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Sandra Luiza Freire, escreveu o prefácio de *A Noite do Camaleão*, citando, entre outras coisas que: “O importante é persistir não no limitativo, mas fazer da existência, da descoberta uma nova construção de idéias que adoce o sabor de uma leitura e nos impulse a uma nova reflexão” (1995, p. 3).

Coelho faz paródia, enganando a poesia autoral, como um camaleão que foge ao sentir o menor perigo por perto:

Uma patinha
quando nasce
reclama pelo chão
Uma galinha
Quando dorme
Põe a patinha
No coração (COELHO, 1995, p. 92).

A forma como o camaleão desliza entre as palavras remete, concomitantemente, ao crepúsculo vespertino, à plenitude da ausência de luz e à expectativa de um novo amanhecer. Trata-se de um livro que pode ser lido rapidamente, porém, para ser degustado, o camaleão deve ser comido aos poucos, lentamente. Também a qualidade poética e mesmo lingüística, cresceram, mostrando o amadurecimento de Nicanor Coelho.

Na obra *Os Mistérios do Ladrão de Bibliotecas*, o autor envereda por um caminho de linguagens e de significados mais complexos, dividindo suas intenções entre textos, imagens e símbolos. Uma experiência fascinante da imagem com a palavra. A professora Rosana Cristina Zanelatto SANTOS, autora do prefácio, ajuda a compreender:

(...) a poesia de Nicanor Coelho tenta escapar dos modelos que recheiam tantas obras de lugares comuns desgastados pelo tempo e pelo uso. Coelho busca fugir das formas que geram composições artificiais, cheirando a mofo. Se outrora essas formas eram novidades e traziam algum prazer ao leitor, hoje elas são lembradas do passado (s.d., p. 3).

Coelho explora o valor material da palavra com sonhos impossíveis e volta a impor ao leitor sombras de angústias e de questionamentos, a ponto de transformar o personagem em um ser quase invisível, em um útero, símbolo maior da vida, da esperança e da inovação:

Dentro do meu
útero sinto
vozes calmas.
Devem ser dessas
Pessoas que vão
Nati-mortas
O Paraíso (COELHO, 1996, p. 28).

Ao mesmo tempo em que induz à idéia de usar a expressão “*ladrão de bibliotecas*” em seu sentido pleno e pejorativo, questiona a Justiça no poema “Sem título”:

A injustiça
entra em cena
Encena personagem
Agoz e vai embora
Antes do último ato!
Juiz de momento
Translúcidos, meus olhos
Ludibriam
O lusco-fusco do Tribunal
Funeral (jurado) de morte (COELHO, 1996, p. 31).

Nesta obra o valor estético é explícito e requintado, onde o desenho de um carro de Fórmula 1 mistura-se a “*loucuras esbranquiçadas*”, ou a sexta-feira é emoldurada entre uma palavra e outra e um carro e uma vaca leiteira. Lê-se no poema Primeiros Passos:

Coloquei justapostas
vontades e lancei
códigos
dizimando as alturas (COELHO, 1996, p. 31)

O livro não reflete necessariamente o ambiente de uma biblioteca e das pessoas que a frequentam e muito menos a seriedade e a atenção que se exige em um local como esse, mas expressa a vontade de dizer coisas novas, de fazer a reestréia dentro de um plano ao mesmo tempo igual e diferente – o da palavra – e mais apurado dentro da perspectiva literária. Como no poema “Oração Lilás”:

Palavras nunca navegadas
 Flagelam a margem esquerda
 Fresca e doce adocica e sulca
 Estrofas latidas à meia-noite (COELHO, 1996, p. 8).

Os Mistérios do Ladrão de Bibliotecas, que é a quinta obra de Nicanor Coelho, esboça mais um degrau no amadurecimento do poeta. Mesmo diante das severas críticas, dos não gostares, ele materializou e incorporou em sua obra um estilo próprio, escudado obviamente em outros autores. Precisa ser lido, esmiuçado, lançado às mais variadas interpretações, não apenas como um autor local, mas como um autor do mundo. Coelho não deve ser tomado sob a legenda fácil do “*santo de casa não faz milagres*”. Eis, na crítica deste leitor, um santo em ascensão. *Os Mistérios do Ladrão de Bibliotecas* encerra uma série de cinco livros, onde o leitor, felizmente, ganha em poesia:

De uma coisa que não existe
 Deixe-me, agora, quebrar
 Os desvelos:
 Chegou a era da vazão! (COELHO, 1996, p. 32)

Vale ressaltar que no ano de 2002, Nicanor Coelho lançou dois novos volumes: *Reflexões em Torno do Cão* e *O Assassinato da 1ª Pessoa do Singular*, que não compõem este trabalho, uma vez que vieram a público durante a nossa pesquisa, o que nos impossibilitou de analisá-los como fizemos com os títulos anteriores.

3. Do local ao universal: de *Nomes* a *Os Mistérios do Ladrão de Bibliotecas*

Nosso poeta parte em direção de experiências mais ousadas no trato com o signo verbal ou em busca de signos não-verbais para a expressão literária.
 (Telma Valle de Loro e Áurea Rita Ávila Lima Ferreira)

A poesia de Nicanor Coelho, a despeito do processo evolutivo e crítico que se nota a partir do seu primeiro livro, *Nomes*, até o quinto, *Os Mistérios do Ladrão de Bibliotecas*, não pode evidentemente ser vista de maneira isolada. É um trabalho que se firma no momento cultural, cujo melhor referencial, para ser investigado, está na produção das artes literárias em nível local e regional.

Mas o que dizer da sua busca pela liberdade? Mesmo se colocando como alvo das críticas, Coelho não teme errar e mostra-se disposto a encarar contrapontos vindos daqueles que querem apenas agradar com um elogio, ou daqueles que se dispõem a inferiorizar, ou dos mestres cujos comentários balizam um melhor entendimento da sua linguagem.

No entanto, é preciso saber a hora de morrer, é preciso saber a hora de parar e recomeçar, estamos carentes dessa mudança. (...) Assim não teremos mais a necessidade de institucionalizar cânones famélicos que opõem o antigo ao novo, a boa poesia à ruim, o modernismo ao concretismo e à poesia marginal, cânones que nos dizem o que deve ser poupado, conservado como paradigma de uma época em declínio (SCRAMIM, 2002, p. 250).

Cultura, segundo a professora Maria da Glória Sá Rosa, “é o poder de pensar, agir, criar, expor e principalmente de ser. Numa palavra, é o nosso ser e estar no mundo em permanente situação de liberdade e responsabilidade em relação ao outro” (1992, p. 13).

Não seria, porém, o caso de se creditar imperativos méritos para um autor em estado de amadurecimento, como é o caso de Coelho. Afinal, é preciso identificar mais criticamente suas falhas, seus traços ainda ingênuos e seu ímpeto de criar. Coelho é ainda um poeta jovem que vive cercado por livros, o suporte para o exercício da sua arte.

Nicanor Coelho está inserido na discussão regionalista da produção literária, um fórum em busca de suas origens e de caminhos percorridos e a serem percorridos. Talvez seja do mosaico que constitui essa discussão que jorre a vertente e o modo de expressão de Nicanor Coelho, seja escrevendo, criticando, ou simplesmente desenhando palavras ao léu, sempre em busca, ainda que inconscientemente, das fronteiras de seu lugar geográfico, de seu lugar socioeconômico e mais importante, de sua produção poética. Como observa o crítico e professor Paulo Sérgio Nolasco dos SANTOS no ensaio intitulado *Um Outdoor invisível: Imagens do Pantanal Sul-Mato-Grossense*, “(...) a pergunta é feita ao cidadão guaicuru que vive a consciência de que, se não fosse a guerra, seríamos um outro país e que – como canta Almir Sater – somos da fronteira onde o Brasil foi Paraguai?” (1999, p.11).

A obra de Nicanor Coelho só conheceu visibilidade pública na década de 1990; antes, era um poeta desacreditado, seja em razão da idade, seja pelo comportamento um tanto excêntrico, diante de um seletivo meio literário local, sempre exigente e pronto para, senão

degolar um pobre aprendiz, ao menos colocá-lo a meio palmo da forca. Coelho pertence à mesma geração que nos deu os poetas Joel Pizzini (hoje, um dos mais expressivos diretores da cinematografia nacional) e Emmanuel Marinho, surgidos na década de 1980 no círculo literário marginal douradense, tendo a questão indígena sido explorada por ambos, relembrando os épicos do passado.

Retrocedendo mais, em nível local, o volume de LORO e FERREIRA, *Manifestações Literárias em Dourados*, refaz os caminhos literários de Armando Carmello (1947), João Augusto Capilé Jr. (1956), Liberato Leite Farias (o Laquicho), Armando Campos Belo (1942), Camilo Ermelindo da Silva (década de 1950), Weimar Torres (1950/1960), Nicanor P. de Souza (1960), Altair da Costa Dantas (1960) e José Pereira Lins (1960). LORO e FERREIRA observam: “Outra tendência marcante em nossos trabalhos é a que está voltada para o aspecto social e ecológico, onde o personagem indígena se torna elemento de real destaque” (1985, p. 49).

Dentro desse contexto histórico e dessas tendências artístico-literárias, ainda não houve a devida reflexão e as discussões necessárias sobre o papel da obra de Nicanor Coelho na literatura e na cultura regional. Isto se percebe em seus próprios escritos e em suas inquietações. Um poeta nem sempre é formado com base na leitura dos autores da própria terra ou das coisas locais. Coelho tem demonstrado uma busca pela liberdade de estilo, uma energia para desenvolver suas próprias elucubrações nascidas na alma, nos olhares, nos pensamentos divagantes, na vontade de respirar e de expirar poesia.

A obra solitária que tece a crítica social, *Vida Cachoeirinha*, talvez seja o somatório de todo um passado, de toda uma carga cultural centrada na miscigenação e na observação da indigência socioeconômica da população miscigenada. Nesse caso específico, o ato de poetar se perde na crítica social, nas indecisões quanto ao estado material das coisas, na sua maneira astuta, porém, ainda pouco poética de enxergar o mundo à sua volta. “Literatura é fenômeno de aglomerados humanos, de convivências, em que chocam as tradições com as contradições, de modo que é necessário, antes de tudo, para apreciar a história literária de uma determinada região, pesquisar a formação de seus primeiros núcleos populacionais, urbanos ou rurais” (PONTES, 1981, p.21).

Em meio a esse regionalismo, a busca pela identidade é permanente, quando se deseja o pensamento e a cultura humana em um único local. Diante de ainda precoces registros históricos, se faz necessário inserir a produção literária de Nicanor Coelho como trabalho de leitura e de pesquisa. A sua obra é mais uma contribuição para o amadurecimento das raízes e da cultura douradense e sul-mato-grossense, ambas inseridas numa complexa “identidade

nacional”. “De acordo com a *Bíblia*, o universo concreto se constrói a partir do universo abstrato da palavra. Deus disse: Haja luz e houve luz (...) a palavra preexiste ao objeto que se concretiza ao ser nomeado” (LOTTERMANN, 2000, p. 208).

É necessário lembrar, segundo a professora Maria Adélia MENEGAZZO, que “(...) poetas e pintores desenvolvem procedimentos cada vez mais conscientes de construção do discurso sem ignorar o papel decisivo da fantasia ou da imaginação no processo criativo” (1991, p. 231).

Fantasia e imaginação, metalinguagens presentes de forma consciente e inconsciente nas obras de Coelho. A visão de mundo e a necessidade, talvez aquela vontade insaciável e inexplicável de poetar fragmenta-se, dilui-se em sensações, em percepções ou naquilo que se busca no fundo da própria alma. E a alma do poeta, a contemplação, a reflexão, nem sempre são de fácil entendimento. Coelho complica, facilita, perde-se, acha-se e (des) constrói assim seu perfil literário. Como um pequeno fio de um grande novelo.

4. À guisa de conclusão

Pesquisar a poesia de Nicanor Coelho chamou-nos a compromissos sérios: não sermos subservientes e coniventes com as limitações do poeta e muito menos, sermos inconsistentes em nossas considerações. As obras de Coelho não se encerram com este ensaio, naturalmente, mesmo porque existem novos livros nas livrarias, embora este estudo seja a análise mais abrangente já feita, até esta data, em torno desse poeta douradense e de seu verbo.

Quanto ao peso da complicação, o instinto se fez presente durante todo o tempo. A fundamentação teórica e o suporte dos mestres serviram para abrir portas e para clarear pontos obscuros que se escondem nas narrativas. No entanto, a sensibilidade e aquelas sensações que somente o sentimento explica, foram companheiras inseparáveis. Impossível ler e estudar as obras de Coelho sob um olhar frio e sem nos deixar levar pela fantasia, pela imaginação, pela loucura fértil, pelas inseguranças, pelos aclives, pelos declives e pelos vazios construídos no caminho de suas palavras.

Confessamos que foi um prazer a mais para a alma deste acadêmico. Daí a satisfação do dever cumprido e da certeza de que a colaboração está dada. Nicanor Coelho é um poeta esforçado, que continua aprendendo e que domina uma pequena orquestra de palavras, algumas delas boas e cheias de magia, toques e apontamentos.

A pesquisa fala da origem do autor, de suas peraltices, suas sombras, lampejos de emoção, cantos de liberdade, vontade de fazer do verbo um verdadeiro significado para a vida. Em dados momentos, este estudo apresenta mais dúvidas e perguntas do que respostas. Não podemos aspirar a todas as respostas quando se conversa com o vazio, com a imaginação e com a felicidade que se transforma e se molda como se fosse uma alquimia, surpreendendo quem deseja inquirir.

Não se deve deixar que o academicismo desmereça as originalidades do poeta. A feitura é pública, está aí para ser vista, analisada, re-analisada, remexida em todos os seus aspectos, em todos seus prós e seus contras. O autor tenta persuadir pelo verso livre, formatado, verso em prosa, linhas que buscam um espaço, explicações, uma vontade de se fazer presente.

Além disso, produz remando contra a indústria cultural, contra a falta de recursos para viabilizar seus livros, contra um público que parece não valorizar a poesia, contra a necessidade de deixar a pena e o tinteiro de lado para se debruçar sobre tarefas mais simples, modestas e mecânicas – os interesses imediatos para garantir um emprego para a própria subsistência. Por essa luta constante, Coelho já merece elogios, reconhecimentos e a ajuda daqueles que podem e têm a obrigação em dar eco a essa veia artística.

Ler Coelho é para quem gosta de divagar na arte do verso e da prosa, é para quem reconhece na literatura um caminho de prazer, de conciliação, de entendimento, de cultura, de conhecimento e para se dizer verdades, que raramente são ditas pela indústria cultural. Este breve estudo traz um pouco do carinho e do respeito pelo poeta que aprendemos a ler não apenas com olhares críticos, mas com os misteriosos significados, às vezes inexplicáveis entendimentos da alma e do coração.

5. Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COELHO, Nicanor. *Nomes*. Dourados: Grupo Literário Arandu, 1991.
- _____ *Vida Cachoeirinha*. Dourados, 1991.
- _____ *Panambi Verá. Tempos Brilhantes*. Dourados: Associação de Novos Escritores de Mato Grosso do Sul (ANE), 1992.
- _____ *A Noite do Camaleão*. Dourados: Editora Camaleão.
- _____ *Os Mistérios do Ladrão de Bibliotecas*. Dourados: Editora Camaleão.
- LOTTERMANN, Clarice. Do Gênesis à roca: o universal no particular. In: LOPES, Marcos A (org.). *Espaços da Memória. Fronteiras*. Cascavel: Editora e Gráfica Universitária, 2000. p. 205-213.
- LORO, Telma Valle de; FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima. *Manifestações Literárias em Dourados*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1985.
- MENEGAZZO, Maria Adélia. *Alquimia do Verbo e das Tintas nas Poéticas de Vanguarda*. Campo Grande: Ed. da UFMS; CECITEC, 1991.
- PONTES, José Couto Vieira. *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*. Santos: Editora do Escritor, 1981.
- ROSA, Maria da Glória Sá; MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara N. Duncan. *Memória da Arte em MS. Histórias de Vida*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1992.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Um Outdoor Invisível: Imagens do Pantanal Sul-Mato-Grossense. *Revista Arandu*, Dourados, n. 9, p 11-14, ago./out. 1999.
- SCRAMIM, Susana. Cânone e liberdade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada da Abralic*, Belo Horizonte, v. 6, p 239-250, 2002.